

## PET como rede de sobrevivência e resistência

Autores(as): FIRMINO, A. E. P. R.<sup>1</sup>; MATOS, C. T. C.<sup>1</sup>; LOPES, G. S.<sup>1</sup>; SILVA, I. G.<sup>1</sup>; SILVA, I. G. M. S.<sup>1</sup>;  
SANTOS, T. F.<sup>1</sup>;

Tutor(a): GERALDES, E. C.;

<sup>1</sup>Grupo PET – Conexões de Saberes, UnB, Campus Darcy Ribeiro;  
Universidade de Brasília - UnB

E-mail: [aniinha837@gmail.com](mailto:aniinha837@gmail.com); [ceciliatatagibacm@gmail.com](mailto:ceciliatatagibacm@gmail.com); [geovannaslopes05@gmail.com](mailto:geovannaslopes05@gmail.com);  
[iransilvabsb123@gmail.com](mailto:iransilvabsb123@gmail.com); [isadorapsicologiaunb@gmail.com](mailto:isadorapsicologiaunb@gmail.com); [thiago.satos3@gmail.com](mailto:thiago.satos3@gmail.com); [elenger@unb.br](mailto:elenger@unb.br);

**RESUMO:** O presente trabalho analisa os desafios da permanência universitária para estudantes de grupos subalternizados, investigando as violências materiais e simbólicas que produzem o sentimento de não pertencimento. A partir de um ensaio teórico-crítico que articula conceitos de violência simbólica, dispositivos de subalternização, pedagogia dialógica e ética do cuidado, o estudo tem como objetivo demonstrar como o Programa de Educação Tutorial (PET) funciona como um espaço de sobrevivência e resistência. Os resultados apontam que a exclusão é produzida pela combinação da violência simbólica com dispositivos de subalternização. Como contraponto, o PET emerge como um espaço que rompe com essa lógica ao operar com base na pedagogia dialógica e em uma ética do cuidado, validando saberes e construindo redes de apoio afetivo. Conclui-se que o PET transcende sua função acadêmica, constituindo-se como uma ferramenta de fortalecimento coletivo, essencial para a construção de uma permanência simbólica e afetiva na universidade.

**Palavras-chave:** Permanência estudantil; Violência simbólica; Pedagogia dialógica; Interseccionalidade.

### PET as a network of survival and resistance

**ABSTRACT :** The present study analyzes the challenges of university retention for students from subalternized groups, investigating the material and symbolic violence that produces the feeling of non-belonging. Based on a theoretical-critical essay that articulates the concepts of symbolic violence, subalternization devices, dialogical pedagogy, and ethics of care, the study aims to demonstrate how the Tutorial Education Program (PET) functions as a space for survival and resistance. The results indicate that exclusion is produced by the combination of symbolic violence and subalternization devices. As a counterpoint, the PET emerges as a space that breaks with this logic by operating based on dialogical pedagogy and an ethics of care, validating knowledge and building networks of affective support. It is concluded that the PET transcends its academic function, constituting itself as a tool for collective strengthening, essential for the construction of a symbolic and affective permanence in the university.

**Keywords:** Student retention; Symbolic violence; Dialogical pedagogy; Intersectionality.

Área do conhecimento: Ciências Humanas (7.00.00.00-0)/Educação (7.08.00.00-6);  
Ecossistema de inovação: Educação e Inovação Social;  
ODS: Educação de Qualidade (ODS 4) e Redução das Desigualdades (ODS 10).

## Introdução

A evasão no ensino superior brasileiro configura-se como um dos problemas mais persistentes e complexos da educação pública no país. Diversos estudos apontam que, mesmo após a expansão universitária promovida nas últimas décadas, a democratização do acesso não foi acompanhada pela democratização da permanência (Coimbra; Silva; Costa, 2021; Santos; Pereira; Pilatti, 2025). A V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES (Andifes, 2018) revela que mais da metade dos estudantes já pensou em abandonar o curso, sendo as principais razões as dificuldades financeiras, o acúmulo de demandas acadêmicas, os problemas emocionais e a necessidade de conciliar estudo e trabalho.

Nesse contexto, as ações afirmativas podem ser compreendidas como um dos principais marcos da política educacional recente. Elas abriram as portas da universidade a grupos historicamente excluídos, permitindo que a composição das salas de aula se tornasse, pela primeira vez, um reflexo mais fiel da sociedade brasileira. Contudo, o paradoxo que se desenha é o de que o acesso não garante a permanência. A “porta de entrada” foi aberta, mas a “sala de estar” universitária continua, em muitos casos, hostil. A evasão, portanto, não deve ser compreendida apenas como um número ou uma desistência individual, mas como um indicador social que revela a permanência das desigualdades dentro do espaço universitário (Coimbra; Silva; Costa, 2021).

As pesquisas recentes reforçam essa leitura. Santos, Pereira e Pilatti (2025) identificam que as causas da evasão se relacionam diretamente com as condições de vulnerabilidade socioeconômica, com a ausência de políticas de suporte emocional e com a precarização da vida estudantil no contexto pós-pandemia. Nesse cenário, a universidade pública se vê diante de um novo desafio: não somente garantir o ingresso, mas criar condições reais de pertencimento. Estudos sobre políticas de permanência (Silva; Sampaio, 2022) indicam que os auxílios financeiros e assistenciais são fundamentais, mas insuficientes quando desvinculados de experiências coletivas e formativas que favoreçam vínculos, trocas e reconhecimento.

É nesse ponto que se insere a importância dos grupos PET (Programa de Educação Tutorial). Mais do que uma política acadêmica, o PET se constitui como espaço de permanência e sobrevivência, pela sua atuação na tríade ensino-pesquisa-extensão, onde a

vivência universitária é atravessada por experiências de solidariedade, pesquisa e construção crítica do conhecimento. Ao promover o pertencimento e o engajamento, o PET atua como um dispositivo de resistência frente à lógica excludente da universidade. Assim, compreender o papel desses grupos significa reconhecer que a permanência não é apenas física, mas simbólica e afetiva.

## 1. A Dança dos Boletos

O tópico “A Dança dos Boletos” reflete sobre os desafios enfrentados por estudantes de baixa renda na permanência universitária. O título traduz a realidade de discentes que precisam conciliar cursos integrais com trabalhos formais ou informais, mesmo com a oportunidade oferecida pela Assistência Estudantil e bolsas do PET (Programa de Educação Tutorial). Os entraves socioeconômicos, no entanto, impactam a dedicação plena às demandas acadêmicas.

Partindo dessa realidade, torna-se necessário destacar a importância dos programas garantidos pela PNAES (Política Nacional de Assistência Estudantil) na permanência dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica nas universidades públicas, em que houve o alcance de 400 mil pessoas beneficiadas em 2024, conforme o Ministério da Educação, demonstrando a necessidade dos alunos de baixa renda.

Entretanto, o programa apresenta falhas em garantir o acesso permanente e efetivo dos estudantes, o que se reflete no cenário de discentes que ainda precisam recorrer aos trabalhos formais ou informais para complemento de renda, pois o valor recebido pelos auxílios não é suficiente para suprir as principais despesas. Há, ainda, estudantes que não conseguem receber o valor dos benefícios por questões burocráticas ou pela limitação de recursos disponíveis (Radaelli, 2013).

Semelhante aos desafios vivenciados por estudantes que dependem da Assistência Estudantil, destaca-se o cenário também vivenciado por discentes vinculados à bolsa fornecida pelo PET. A participação no programa representa uma oportunidade única de aprendizado e de fortalecimento da formação acadêmica e profissional. Contudo, ainda há desistências pelo valor não se mostrar suficiente diante das demandas financeiras do estudante, levando-o a recorrer aos trabalhos remunerados.

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

Ademais, os requisitos necessários para cumprir a exigência do programa, como a disponibilidade de tempo e bom desempenho acadêmico, também se tornam um desafio para a permanência do estudante-trabalhador, considerando o quadro de terem que conciliar as atividades vindas das aulas do seu curso, do projeto em que faz parte e do trabalho externo.

Essa realidade dialoga com a obra “*De onde Eles Vêm*” de Jeferson Tenório, que retrata a trajetória de estudantes pobres e negros que, diante das dificuldades financeiras e estruturais, acabam se distanciando da universidade. Isso demonstra como a evasão acaba sendo recorrente nesses grupos quando as políticas de permanência não atendem plenamente às necessidades dos estudantes, transformando-os em estudantes-trabalhadores. Desse modo, é fundamental reconhecer o papel dos Programas de Assistência e das bolsas oferecidas pelo PET como incentivo ao estudo contínuo, embora se deva admitir suas limitações.

### **2. A Ferida Simbólica: Marcando Corpos pelo Habitus e por Dispositivos de Subalternização**

O ingresso na universidade, embora celebrado como marco de ascensão social e intelectual, pode revelar uma experiência de estranhamento para estudantes cujas trajetórias de vida divergem da norma hegemônica. A sensação de inadequação, de não pertencimento, manifesta-se nos corredores, nas salas de aula e nas interações sociais, ecoando uma mensagem silenciosa, mas brutal: “este não é o seu lugar”. Este sentimento é o sintoma mais visível de uma violência estrutural que opera no cerne da instituição acadêmica.

Essa sensação de inadequação pode ser interpretada pela teoria de Pierre Bourdieu, que oferece um diagnóstico de uma exclusão simbólica com um forte marcador de classe. Para o sociólogo, a universidade é um campo de poder que legitima e reproduz um tipo específico de capital cultural. Estudantes que ingressam com um capital cultural distinto experimentam um constante choque de *habitus*, pois seu sistema de disposições não corresponde ao *habitus* valorizado pela instituição, compatível com o das classes dominantes (Bourdieu; Passeron, 2023). Essa imposição, que Bourdieu denomina violência simbólica, opera sem coerção física, mas com eficiência devastadora, levando o estudante a internalizar a crença na inferioridade de seu próprio capital e, conseqüentemente, de si mesmo (Bourdieu, 2012).

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

Contudo, a brutalidade com que essa violência atinge corpos específicos requer a profundidade do pensamento de Sueli Carneiro. A filósofa nos oferece o conceito de dispositivo de racialidade, um mecanismo que produz e reitera a subalternidade de grupos não-brancos (Carneiro, 2018). Este dispositivo opera ativamente para construir o outro — especialmente o negro e o indígena — como o “não-ser”, marcando seus corpos, saberes e estéticas como a antítese humana e do universal. É a lógica deste dispositivo que, sob a ótica da interseccionalidade, revela uma matriz de aniquilamento simbólico que pode ser identificada em dispositivos análogos de subalternização.

A articulação entre Bourdieu e Carneiro é, portanto, fundamental. A violência simbólica não opera no vácuo, ela é ativada e potencializada por esses dispositivos de subalternização. Para o estudante atravessado por esses marcadores, não se trata apenas de ter um “capital cultural diferente”, mas de possuir um capital sistematicamente aniquilado por um mecanismo que o posiciona fora da norma, como o “outro”. É a combinação dessas forças — a estrutura sutil que desvaloriza (Bourdieu; Passeron, 2023) e o dispositivo brutal que desumaniza (Carneiro, 2018) — que produz o sentimento de não pertencimento de forma tão avassaladora.

### **2.1 PET como Prática de Liberdade: A Resposta Freiriana à Exclusão Simbólica**

O PET pode ser visto como um espaço que rompe com a lógica tradicional da universidade, marcada por práticas excludentes e hierárquicas. Ao se basear na pedagogia dialógica de Paulo Freire, o PET cria um ambiente de aprendizagem que se guia na horizontalidade, na valorização dos saberes e das experiências, transformando as relações em uma troca genuína de conhecimento.

Freire (1987) critica o modelo chamado de educação bancária, no qual o professor é o detentor do saber. Para o autor, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1987, p. 47). O PET se mostra como um contraponto ao ensino tradicional, ao valorizar o diálogo e o trabalho coletivo. O diálogo se torna a parte central desse processo, de modo que os estudantes compartilham suas experiências, escutam-se mutuamente e aprendem a construir sentido coletivamente.

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

Esse reconhecimento dos saberes de experiências é essencial para fortalecer o sentimento de pertencimento, visto que muitos estudantes carregam um capital cultural diferente do valorizado academicamente. Ao reconhecer e valorizar essas múltiplas vozes, o PET se torna um instrumento contra-hegemônico, que causa tensão na estrutura acadêmica e cria espaços de acolhimento, escuta e cuidado. Essa dimensão afetiva do aprendizado também é destacada por bell hooks (2017), ao afirmar que “o amor é uma prática da liberdade” (hooks, 2017, p. 89). Para hooks, ensinar com amor e empatia é um gesto político que resiste à frieza institucional.

Portanto, o PET ultrapassa a função de um simples programa acadêmico. Ele se torna também uma rede de apoio e pertencimento, onde são reconhecidas forças formativas, como o diálogo, o afeto e as diversidades.

### Conclusão

As reflexões apresentadas evidenciaram que a permanência na universidade pública brasileira é um campo de batalha, atravessado por desafios materiais, estruturais e simbólicos. A evasão, longe de ser uma desistência individual, revela um indicador social da persistência das desigualdades no espaço acadêmico. Neste cenário complexo, o Programa de Educação Tutorial (PET) surge como uma ferramenta estratégica de “sobrevivência”, cuja função transcende o escopo acadêmico.

A realidade complexa da universidade não diminui o valor estratégico e transformador do PET. Ao promover uma formação integral, baseada na tríade ensino-pesquisa-extensão, o programa oferece mais do que auxílio financeiro: ele é um espaço catalisador de amadurecimento profissional e intelectual, que atua como uma rede de apoio e pertencimento. A essência do PET reside na capacidade de romper com a violência simbólica e a exclusão estrutural. Ao se pautar na pedagogia freiriana, que valoriza o diálogo e a horizontalidade, o programa legitima os capitais culturais historicamente desvalorizados e marginalizados pela estrutura hegemônica.

Por isso, discutir as permanências e sobrevivências na universidade pública é reconhecer que o acesso, por si só, não concretiza a democratização do ensino superior, devido à existência de trajetórias estudantis regadas por desigualdades estruturais que exigem políticas integradas de assistência, acolhimento e pertencimento.

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

Portanto, o programa atua efetivamente na dimensão simbólica e afetiva, criando vínculos, trocas e reconhecimentos. Ele transforma as dificuldades da permanência em uma vivência acadêmica e social plena, onde a experiência do estudante torna-se coletiva, carregada de afetos e resistência. O PET é, portanto, um pilar essencial para a construção de uma universidade pública que seja, de fato, reflexo e espaço de acolhimento.

### Referências

- ANDIFES. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES**. Brasília: Andifes, 2018. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 17 out. 2025.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2023.
- CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- COIMBRA, L. B.; SILVA, F. M.; COSTA, P. R. O paradoxo da expansão: democratização do acesso e a evasão no ensino superior. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 102, n. 261, p. 300-320, maio/ago. 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOOKS, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- RADAELLI, L. C. A política de assistência estudantil e o desafio da permanência na universidade pública. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 150, p. 886-907, set./dez. 2013.
- SANTOS, L. E.; PEREIRA, R. A.; PILATTI, A. G. Permanência estudantil e a precarização da vida: um estudo de caso pós-pandemia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 46, n. 165, p. 500-525, jan./mar. 2025.
- SILVA, D. A.; SAMPAIO, J. C. Políticas de permanência: assistência estudantil e o pertencimento social. **Revista de Políticas Públicas e Educação**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 45-68, jan./abr. 2022.